

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA VISÃO DOS PROFESSORES E PESQUISADORES BRASILEIROS

*Carlos Alberto Ávila Araújo**
*Elizabeth Almeida Rolim***
*Isabel Marci Gomes Marzano****
*Liara Gomes Bitencourt*****

RESUMO

Apresenta os resultados de uma pesquisa realizada, por meio de questionários enviados por internet, com professores de todas as faculdades brasileiras da área de biblioteconomia e ciência da informação. As questões trataram da temática da ciência da informação como: uma ciência social; uma ciência interdisciplinar; uma ciência pós-moderna; e a natureza de sua relação com a biblioteconomia. As respostas apresentaram um alto grau de concordância, porém com argumentações e compreensões das questões muito diferentes. A seguir, foi solicitado a cada entrevistado que indicasse dez autores e dez obras que julgasse relevantes na área de ciência da informação. Encontrou-se uma grande dispersão das indicações, sendo os autores mais citados Saracevic, Lancaster, Borko e Pinheiro, e a obra mais citada foi “Ciência da informação: origem, evolução e relações”, de Saracevic.

* Professor adjunto da ECI/UFMG. Doutor em Ciência da Informação. Mestre em comunicação social, jornalista.

** Graduanda do 7º período do curso de Biblioteconomia da UFMG

*** Graduanda do 7º período do curso de Biblioteconomia da UFMG

**** Graduanda do 7º período do curso de Biblioteconomia da UFMG

Palavras-chave

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CAMPO CIENTÍFICO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

I INTRODUÇÃO

Apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com professores e pesquisadores de todas as faculdades de Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) do país, como parte das atividades da disciplina “Teorias da Informação”, do sexto período do curso de Biblioteconomia da UFMG.

A motivação para a realização de uma pesquisa dessa natureza se relaciona com os objetivos propostos para a referida disciplina. “Teorias da informação” se ocupa normalmente da apresentação das várias teorias que têm a informação por objeto. Essa apresentação normalmente inclui discussões sobre os fundamentos e conceitos dessas teorias, assim como sobre seus autores e contextos de produção. Tais

discussões se aproximam bastante de questões que são trabalhadas por áreas que se dedicam ao estudo da ciência, tais como a sociologia da ciência, a história da ciência e a filosofia da ciência.

A evolução destas três áreas ao longo das últimas décadas tem levado a uma compreensão cada vez maior de que, tão importante quanto o estudo da ciência do ponto de vista teórico e epistemológico, é o estudo de suas dimensões históricas e sociais. Nesse sentido, a ciência tem sido cada vez mais estudada como um “produto social” (GRESSLER, 2003, p.32), dotada de uma “matriz coletiva” (ALVES, 1987, p.206).

Tal orientação dos estudos se deu pela percepção de que, na maior parte das vezes, os critérios históricos e sociais, os fatores humanos, as disputas e os interesses dos cientistas são mais relevantes para determinar a evolução, os rumos e

direções de uma disciplina científica, do que propriamente os critérios teóricos e epistemológicos, isto é, relativo aos achados de pesquisa e problematização dos conceitos.

Abordagens contemporâneas têm apresentado resultados que complementam os estudos “clássicos” sobre a ciência. Entre elas destaca-se a de Bourdieu (1983), que aplica sua teoria dos campos sociais ao estudo da ciência. Para Bourdieu,

a noção de comunidade científica autônoma, insulada e auto-reprodutora, com cientistas neutros e interessados somente no progresso da sua disciplina, esconde, mais que elucida, a dinâmica das práticas científicas na sociedade moderna (HOCHMAN, 1994, p. 208).

A ciência, para ele, é um “campo” de luta entre atores que ocupam posições desiguais e possuem diferentes recursos, e os “avanços” científicos, a definição dos rumos das disciplinas científicas é tanto resultado de questões teóricas e de pesquisa quanto resultantes dessas disputas.

Outra abordagem muito relevante é a de Foucault, cujo “interesse não diz respeito à ciência propriamente, mas ao saber; não à sua racionalidade imanente, mas às condições externas de possibilidade de sua existência” (PORTOCARRERO, 1994, p.45). Com isso se abre a possibilidade de análise da ciência para além dos seus próprios critérios de cientificidade, pois são exatamente essas condições de “cientificidade” ou de “verdade” que vão ser analisadas.

Mais recentemente, estudos de natureza etnográfica vêm sendo realizados de modo a se acompanhar o cotidiano da prática científica e entender, nesse cotidiano, os elementos que movimentam a ciência numa ou noutra direção. Trata-se de uma nova postura de investigação científica: “uma recusa a qualquer privilégio epistemológico em face da descrição etnográfica das práticas científicas” na qual,

em vez de impor categorias e conceitos estranhos ao mundo dos observados, os autores defendem que o fenômeno deve ser analisado contextualmente, tendo em vista o que os participantes/observados consideram como relevante (HOCHMAN, 1994, p.214).

Essa nova frente de pesquisa tem buscado perceber, no cotidiano da atividade científica, a presença de elementos como ritos, regras, critérios de credibilidade, motivações, alianças, e o impacto desses elementos na definição de agendas de

pesquisa, publicação em periódicos, apresentação em congressos, escolha de autores para citações, entre outros fatores.

2 DESENHO DA PESQUISA

Seguindo essa linha de raciocínio é que se acreditou que um trabalho que buscasse as concepções que os professores de Biblioteconomia e CI têm de sua própria área poderia produzir uma reflexão pertinente dentro da disciplina. Afinal, em grande medida, uma ciência é aquilo que seus praticantes definem que ela é. E essa definição, mais do que uma compreensão homogênea e consolidada, representa na verdade visões antagônicas que variam conforme a posição ocupada por cada um que a descreve.

Uma vez colocada essa questão, foi proposto aos alunos da disciplina que se juntassem na realização desse trabalho. Optou-se por realizar a pesquisa com os professores de todas as faculdades brasileiras da área de Biblioteconomia e CI. Os alunos foram divididos em grupos e cada grupo ficou com um conjunto de faculdades de um estado ou região. Foram enviados mais de 300 questionários, obtendo-se um retorno de 31, que constituem, assim, o objeto empírico desta pesquisa.

Para a elaboração deste texto, os dados de todos os grupos foram reunidos. Para o trabalho de análise conjunta dos dados, promoveu-se uma divisão das respostas obtidas conforme a região geográfica, de modo a se ter um número semelhante de professores em cada região. Com essa nova conformação, os grupos de professores apresentados neste texto são os seguintes: grupo 1 Norte e Centro-Oeste (UFPA, UFAM, UnB, UFG, Unirondom, UFMT, IESF), grupo 2 Nordeste e Espírito Santo (UFMA, UFRN, UFPE, UFBA, UFAL, UFES, UFC), grupo 3 Minas Gerais e Rio de Janeiro (PUC-Minas, Unipac, Unincor, FUOM, UFF, Unirio, USU), grupo 4 São Paulo (PUCCamp, Fainc, Fatea, Fatema, Fesp, USP, Unesp, UFSCar, USP Ribeirão Preto, grupo 5 Santa Catarina e Paraná (UFSC, UEL, UFPR, Única, Udesc) e grupo 6 Rio Grande do Sul (Unijuí, UFSM, FURG, UFRGS). Em cada grupo estão presentes as respostas de cinco professores – sendo a exceção o grupo de Santa Catarina e Paraná, com seis respostas. A UFMG foi excluída da pesquisa, em virtude de já estar sendo estudada por outro grupo de alunos.

O questionário enviado para todos os professores também foi elaborado em sala de aula, a

partir de questões surgidas logo no início da disciplina, e que representam pontos sobre os quais não existe consenso na área. Primeiramente foram formuladas quatro questões. A primeira se seria de fato a CI uma ciência social; a segunda, se ela é realmente uma ciência interdisciplinar; a terceira, se ela é uma ciência pós-moderna. Para cada um destes tópicos, cada entrevistado era solicitado a, além de responder se concordava ou discordava apresentar uma justificativa. Essas justificativas foram depois analisadas, agrupadas em categorias e contabilizadas. Por fim, a quarta questão destinava-se, a saber, qual a natureza da relação entre a CI e a Biblioteconomia. Também se analisou as respostas a partir das argumentações dadas pelos professores.

A estas quatro, seguiram-se outras duas questões. A primeira, relativa aos autores mais relevantes da área. A segunda, relativa às obras (incluindo livros, artigos, teses) mais relevantes da área. Optou-se por pedir a cada entrevistado que listasse até dez autores e, a seguir, dez obras, que ele considerasse como relevantes dentro da área de informação.

Para todos os dados coletados e analisados, os grupos produziram relatórios com os somatórios e suas conclusões. Este trabalho apresenta o resultado específico de cada grupo e também um resultado geral em que os resultados de cada grupo são confrontados. Esses resultados são apresentados a seguir, separados conforme os tópicos que constaram da pesquisa.

3 A NATUREZA SOCIAL DA CI

Nascida a partir da explosão informacional pós Segunda Guerra, a CI é fortemente condicionada pelas determinações tecnológicas e por interesses estratégicos. Nesse primeiro contexto, ela se vê melhor atendida pelos referenciais das ciências exatas. É por isso que Capurro (2003) identifica, como primeiro paradigma da CI, um modelo “físico”, construído a partir da inspiração da Teoria Matemática de Shannon e Weaver e efetivamente colocado em prática a partir dos testes de Cranfield, em que se buscava atingir índices cada vez maiores, em termos propriamente quantitativos, de resultados de recuperação da informação. Essa subárea, inclusive, é vista por Ellis (1992) como o “carro-chefe” na consolidação de um modelo físico para a CI, em que o tipo de estudo realizado mais se assemelha a laboratórios experimentais de física e mecânica.

A aproximação da CI junto às ciências sociais se dá num processo gradual. Para Cardoso (1996), esse processo ocorre na década de 1970 com a

“descoberta” do usuário. Para Capurro, inicialmente ocorre, realmente, essa aproximação junto ao usuário, o que configura o paradigma “cognitivo” da CI, em vigor sobretudo na década de 1980, mas o paradigma propriamente “social” da CI, cujos primeiros traços surgem ainda nos anos 1960 com Shera e Egan, se verifica com vigor na década de 1990. Ingwersen (1992) aponta marcos precisos para essa passagem. Na visão do autor, o “marco inaugural” da vigência do paradigma cognitivo da CI é a conferência *Theory and application of Information Research*, ocorrida em Copenhague em 1977. Depois de 14 anos de sucesso, durante a primeira conferência *Conceptions of Library and Information Science*, em Tampere, 1991, ocorre uma “dramática mudança” em direção a uma visão mais humana e social (INGWERSEN, 1992, p. 299-300).

Assim, a CI não surge como uma ciência tipicamente social, mas identifica-se ao longo dos anos com o escopo das ciências sociais na medida em que se orienta para uma aplicação em que o sujeito é visto como o principal ator e objetivo dos chamados sistemas de informação. A informação, nessa ótica, não possui fim em si mesma, mas existe como objeto que realiza uma ação ou transformação no conhecimento de um sujeito que possui as influências de seu contexto histórico, social e econômico.

Para alguns, a CI tem oscilado entre o humano e o tecnológico, prendendo-se porém à esfera do social, político, econômico e cultural, dentro da qual visa meios, técnicas e processos que devem ser aplicados na e pela sociedade. Enquanto alguns, como Saracevic, tendem a conferir o peso maior às tecnologias (ROBREDO, 2003), outros, como Frohmann, entendem que os fatores humanos e macro-sociais são os determinantes dos processos informacionais (CAPURRO, 2003).

Particularmente no Brasil, prevaleceu do ponto de vista institucional, uma visão mais humanista da CI, inspirada na visão da UNESCO (OLIVEIRA, 2005), sendo a CI compreendida como uma área dentro da grande área de ciências sociais aplicadas. Esse enquadramento institucional acabou por influenciar a localização institucional dos cursos superiores e a agenda de pesquisas da área.

Com esse quadro em mente, buscou-se entender como o universo de profissionais pesquisados entende a CI enquanto ciência social. Encontrou-se em um universo de 31 pesquisados quase uma unanimidade em relação ao aspecto social da CI – 90,3%, isto é, 28 entrevistados, consideram a CI como uma ciência social. Apenas dois não responderam a essa pergunta, e um entrevistado não enxerga a CI como ciência social, e

justifica suas razões por ver a CI como “não caracterizando-se como um núcleo bem definido, isto é, com um objeto e uma abordagem metodológica razoavelmente estabelecidas por consenso no interior da respectiva comunidade de pesquisadores. O corpo de conhecimentos e as abordagens

metodológicas com que opera é ‘importado’ em grande parte de outros domínios disciplinares”.

A seguir, na Tabela 1, são apresentadas as justificativas dos entrevistados para entender a CI como uma ciência social, agrupadas em categorias explicativas. Os dados são apresentados, ainda, por região.

Tabela 1: Justificativas dos entrevistados que disseram ser a CI uma Ciência Social

Categorias de respostas	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
Possui uma aplicação social	1	3	2	2	4	2	14
Utiliza métodos, teorias e processos das ciências sociais	-	1	2	1	1	-	5
O objeto da CI é social	2	1	1	-	-	-	4
É eminentemente humana e social	1	-	1	-	-	-	2
Sistema social	-	-	-	1	1	1	3
Total.....	4	5	6	4	6	3	28

Fonte: Dados da pesquisa, 2006

A resposta mais freqüente encontrada é a que aponta ser a CI uma ciência social pelo seu impacto social, isto é, porque ela possui uma aplicação no contexto social. Essa categoria se apresentou nas respostas de 15 entrevistados (50% dos que responderam ser a CI uma ciência social) e engloba entendimentos mais específicos como “a CI interfere no processo social”, a CI é “um serviço social”, a CI “satisfaz necessidades humanas e organizacionais” e a CI “preserva a memória da produção intelectual”, entre outras. Embora presente em todos os grupos, sua incidência mais elevada se dá entre os pesquisadores de Santa Catarina e Paraná, vindo a seguir os do Nordeste.

O segundo tipo de resposta mais freqüente (cinco respostas) se relaciona com as características da CI enquanto ciência. Seus métodos, seus processos, suas teorias ou suas metodologias são típicas das ciências sociais e, por este motivo, a CI é uma ciência social. Um dos entrevistados destacou inclusive que a CI busca sua cientificidade pelo apoio a metodologias das ciências sociais, e outro apontou a existência, na CI, de uma teoria positivista que a aproxima das ciências sociais. Essa categoria foi encontrada em quatro dos seis grupos geográficos estudados, com maior incidência em Minas Gerais.

Outro tipo de respostas entende a natureza social da CI pelo seu objeto – a informação é social, está inserida na sociedade e, portanto, a CI é social.

Foram quatro os entrevistados que enfatizaram tal aspecto. Por fim, outra resposta encontrada é a que aponta ser a CI eminentemente social, isto é, como uma característica intrínseca, que faz parte da sua natureza, visão esta de dois entrevistados.

4 A INTERDISCIPLINARIDADE DA CI

As primeiras definições de CI, ainda na década de 1960, já trazem como componente conceitual da área a idéia da interdisciplinaridade. Tal é o caso da definição de Boroko, considerada clássica, de 1968, e de um dos primeiros livros de introdução ao novo campo, de autoria de Saracevic, datado de 1970.

Em grande medida, tal fato se deve ao contexto de surgimento da CI, isto é, o crescente desenvolvimento científico e tecnológico do pós-guerra. Para Cardoso (1996, p.66), “os avanços científicos mais recentes vêm colocando objeções ao paradigma da objetividade e universalidade da Ciência” e, por extensão, trazem reflexos para as ciências humanas e sociais, cada vez mais interdisciplinares”.

O modelo cartesiano típico das ciências modernas, que prevê compartimentalizações e fronteiras muito bem definidas entre as disciplinas, é posto em questionamento a partir de uma nova problematização. Esta problematização significa

novos modelos de questionamentos e soluções, soluções que partem de diversas áreas do conhecimento científico. Para Nehmy e Paim (1996), muitos dos atores da CI integram o campo desta ciência oriundo de outras formações, o que, na visão dos autores, apenas reforça a característica interdisciplinar da área de conhecimento.

Com base nessas questões acerca da característica interdisciplinar da CI buscou-se no universo de pesquisados traçar um paralelo do que os pesquisadores da área pensam a esse respeito. Obteve-se um consenso de 93,5% de opiniões (29 entrevistados) que afirmam ser a CI uma ciência interdisciplinar.

Nesse universo obtiveram-se duas respostas considerando-se que a CI não tem esse aspecto. Um dos entrevistados argumentou que “a CI necessita de aportes externos para avançar em sua constituição, portanto acredito que a área não seja interdisciplinar, mas que deve ter seu objeto constituído de forma interdisciplinar”. Outro postulou que o discurso da CI é interdisciplinar, “contudo, sua prática carece de galgar ainda muitos patamares para alcançar a tão proclamada interdisciplinaridade”.

Abaixo, na Tabela 2, apresenta-se o somatório das justificativas dadas pelos entrevistados para classificar a CI como uma ciência interdisciplinar e a quantidade de respostas por região.

Tabela 2: Justificativas dos entrevistados que disseram ser a CI uma Ciência interdisciplinar

Categorias de respostas	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
Conteúdo da CI tem relações com diferentes áreas do conhecimento	4	2	5	5	3	-	19
Outras áreas precisam da CI	1	1	-	-	2	1	5
Possui uma fronteira entre a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade	-	-	-	-	-	2	2
Característica das ciências contemporâneas	-	-	-	1	-	-	1
Total.....	5	3	5	6	5	3	27

Fonte: Dados da pesquisa, 2006

Entre o conjunto das argumentações dos entrevistados, destaca-se a idéia de que o conteúdo da CI possui relações com outras áreas do conhecimento e que, por isso, a CI seria interdisciplinar. Essa resposta foi dada por 19 entrevistados, o que equivale a 65,5% dos que entendem a CI como interdisciplinar. Nesse sentido, é como se a CI recebesse contribuições de outras áreas, o que caracterizaria, conforme as categorias de Kim e Yerkey (*apud* SMITH, 1992, p.258), uma situação de “abertura” a idéias de outras áreas. Dentro dessa categoria encontra-se ainda a idéia de que, sozinha, a CI não explica o fenômeno da informação – caracterizando-se, portanto, um quadro de necessidade, por parte da CI. Essa argumentação mostrou-se presente, e com frequência significativa, em todas as regiões, exceto entre os pesquisadores do Rio Grande do Sul.

A segunda resposta que obteve maior frequência foi a que entende que outras áreas precisam da CI, isto é, existe uma necessidade do conhecimento da CI por parte das outras ciências. A CI seria interdisciplinar, nesse sentido, por promover

uma fertilização das outras áreas, utilizando, mais uma vez, as categorias de Kim e Yerkey. Nesse segundo tipo de respostas estão idéias um pouco mais específicas, como a de que toda área precisa do tratamento da informação ou de que a informação ultrapassa qualquer área do conhecimento.

Por fim, dois entrevistados, ambos do Rio Grande do Sul, apontaram a existência de um processo, da inter para a transdisciplinaridade, na evolução da CI, e um entrevistado relacionou a característica da interdisciplinaridade como um traço típico das ciências contemporâneas.

5 UMA CIÊNCIA PÓS-MODERNA?

A temática da pós-modernidade inseriu-se no debate acadêmico após a defesa, por parte de vários pensadores (tais como Lyotard, Harvey, Baudrillard, Maffesoli), de que passou a existir, na segunda metade do século XX, uma ampla mudança nos vários campos da existência humana (política,

religião, ciência, comportamento, valores), atestando a superação do momento histórico embasado pelos princípios iluministas – a modernidade. Para outros autores (como Giddens e Habermas), tal constatação seria infundada, pois o projeto da modernidade sequer terminou de se concluir, e tais mudanças seriam muito pequenas para caracterizar uma passagem para um novo momento histórico. Nesse sentido, como coloca Rouanet, seria “inquietante a idéia de se estar vivendo um período pós-moderno [...] [pois]... deixamos de ser contemporâneos a nós mesmos” (FRANCELIN 2004, p 53).

Em meio ao debate, ganhou consistência a idéia de que o final do século XX marcaria o início de uma nova forma de se fazer ciência. Santos é um dos autores que defendem a prática de uma “ciência pós-moderna” que se constrói orientada por princípios diferentes daqueles norteadores das ciências modernas como, por exemplo, a crença na neutralidade e na completa separação entre sujeito e objeto. Francelin cita, ainda, a teoria da complexidade de Morin, a visão holística de Capra e as teorias sistêmicas inspiradas em Bertalanffy como exemplos do

pensamento científico pós-moderno [que] entende que o seu desenvolvimento se processa justamente através das lacunas que se expõem dentro da própria ciência (FRANCELIN, 2004, p. 55).

Tal discussão foi colocada no âmbito da CI por Wersig (1993), para quem a CI seria não uma ciência moderna, voltada para a compreensão dos fenômenos do mundo, mas uma ciência pós-moderna, voltada para a resolução dos vários

problemas causados justamente pelas ciências modernas. Esse é inclusive o ponto de partida de Cardoso (1996), que discute a CI enquanto uma ciência pós-moderna, inserida em um ambiente de análise e revisão dos ideais iluministas de razão e evolução, em que um novo paradigma começa a mostrar-se necessário, ainda que esse processo seja entendido, por uns, como pós-moderno e, por outros, como expressão extrema da modernidade.

Desse momento em diante vários teóricos da CI se debruçaram sobre essa questão e a natureza de ciência pós-moderna passou a se constituir em traço definidor da área. Isso ocorreu inclusive com aqueles que crêem no determinismo tecnológico sobre o campo, uma vez que o impacto das novas tecnologias alterou a visão sobre a ciência, principalmente a CI, na medida em que disponibilizou novas ferramentas de pesquisa, de processamento de dados, novas formas de divulgação e interação, criando e atendendo novas formas e demandas de informação.

Tendo em mente essa discussão é que se propôs, para os 31 entrevistados na pesquisa, a questão de ser ou não a CI uma ciência pós-moderna. Um primeiro resultado aponta que a indecisão que marca a discussão sobre a existência ou não de uma pós-modernidade está presente na visão dos pesquisadores da área. Dos 31 entrevistados, três (9,6%) optaram por não apontar uma resposta conclusiva sobre o tema. Dos demais, 20 (64,5%) acreditam que a CI é uma ciência pós-moderna, enquanto oito (25,8%) acreditam que não. As tabelas a seguir apresentam as justificativas dadas pelos entrevistados para cada uma das posições:

Tabela 3: Justificativas dos entrevistados que disseram ser a CI uma ciência pós-moderna

Categorias de respostas	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
CI tem características pós-modernas	1	3	-	1	1	1	7
CI nasce no momento histórico da pós-modernidade	1	1	-	-	1	2	5
CI atende a novas demandas	1	-	1	2	1	-	5
Paradoxo: objeto antigo e ferramentas pós-modernas	1	1	-	1	-	-	3
Total.....	4	5	1	4	3	3	20

Fonte: Dados da pesquisa, 2006

Tabela 4: Justificativas dos entrevistados que disseram não ser a CI uma ciência pós-moderna

Categorias de respostas	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
Pós-modernidade é apenas um rótulo	-	-	1	-	-	2	3
Inexistência de fundamento conceitual para a pós-modernidade	-	-	1	-	2	-	3
CI não tem paradigma definido	-	-	1	-	-	-	1
Continuidade de aspectos tradicionais	1	-	-	-	-	-	1
Total.....	1	-	3	-	2	2	8

Fonte: Dados da pesquisa, 2006

Dos 19 entrevistados que acreditam que a CI é, de fato, uma ciência pós-moderna, o maior grupo (sete professores) justificam essa visão por encontrar em sua natureza ou em seu comportamento elementos da pós-modernidade, tais como sua constituição interdisciplinar, sua vinculação tecnológica (especialmente a recuperação automática da informação), tendo como alvo de trabalho os novos problemas oriundos da explosão informacional. Dois deles apontaram que seu escopo é diferenciado em relação ao das ciências modernas. Para outro, a CI “defende a validade dos princípios pós-modernos [...] pela complexidade ou pela contradição”, enquanto outro entrevistado destaca que seu fazer científico “atua no mundo do complexo e não aceita reduções ou simplificações”.

Outros cinco entrevistados acreditam que a CI é pós-moderna pelo contexto histórico de seu nascimento, a pós-modernidade, também entendida como “sociedade da informação”, tendo como ponto de partida a explosão informacional do pós-guerra.

Um detalhamento mais específico da resposta esteve presente nas justificativas de quatro professores, para os quais a CI se caracteriza ciência pós-moderna por atender a novas demandas existentes na sociedade, especificamente a demanda por informações, numa escala até então inexistente na história da humanidade.

Para outros três entrevistados, a CI pode ser compreendida como pós-moderna por seu caráter paradoxal em trabalhar com um objeto antigo, a informação presente em todas as atividades humanas, por meio da tecnologia, ferramenta pós-moderna. Tal paradoxo pode ser

encontrado tanto no arcabouço teórico-paradigmático da CI quanto nos fatores contextuais de seu momento histórico (economia, política e sociedade), e nas formas como a própria CI é influenciada e influencia tais fatores.

Entre os entrevistados que não crêem ser a CI uma ciência pós-moderna, o maior grupo, com três professores, acredita que a pós-modernidade é apenas um rótulo, e chamar a CI de pós-moderna seria apenas utilizar uma nomenclatura diferente para uma mesma ação humana diante do conhecimento. Neste ponto de vista, o trabalho desenvolvido pela CI seria anterior à discussão sobre a pós-modernidade.

Outro grupo, também com três entrevistados, não identifica a CI como pós-moderna por não identificar parâmetros ou fundamentos conceituais consistentes para a questão da pós-modernidade. Assim, se existe uma imprecisão de termos e limites para o conceito de pós-modernidade, não há como caracterizar a CI como pós-moderna.

Por fim, outras duas categorias foram observadas, cada uma enunciada por um professor. Para um destes, a CI não pode ser adequadamente caracterizada por não possuir ainda um paradigma científico definido; para o outro há na CI, na verdade, uma continuidade de aspectos das ciências tradicionais.

Observando-se as diferenciações em relação às regiões geográficas, nota-se que a quantidade de respostas “sim” foi significativa em todos os grupos, com pelo menos três entrevistados (maior no Nordeste e em São Paulo), porém apenas um em Minas Gerais. Naturalmente, neste estado se verificou o maior número de respostas “não”, seguido dos estados do Sul do país.

6 A RELAÇÃO ENTRE A CI E A BIBLIOTECONOMIA

A discussão acerca da relação entre a CI e a Biblioteconomia está explícita na literatura da área. Percebe-se que as diversas opiniões estão longe de convergirem numa definição da natureza dessa relação, embora seja necessário, para qualquer ciência, uma orientação determinada. De acordo com Vakkari (1994, *apud* DIAS, 2000, p. 68), “concepções a respeito da estrutura e do escopo de uma disciplina são sempre construtos sociais que determinam a inclusão de certos objetos nesse domínio e a exclusão de outros”, o que pode ser um impulso para o desenvolvimento dessa disciplina.

Historicamente, a Biblioteconomia antecede a CI. Contudo, a definição do que vem a ser essa disciplina ainda não é consensual, e tal indefinição vem desde a década de 1960, época do início da utilização do termo (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995). O clássico artigo de Borko, datado de 1968, entende a CI como uma ciência pura, campo de pesquisa dos fundamentos da informação, sendo a Biblioteconomia um aspecto aplicado da CI (ROBREDO, 2003, p.56-57).

Desde esse período, vários autores têm se esforçado para precisar e delimitar o campo (OLIVEIRA, 2005), sendo que, muitas vezes, nessas definições, encontra-se presente a Biblioteconomia, ora como componente da definição, ora como disciplina afim, ora como subárea.

Entre essas distintas visões, pode-se destacar a de Dias (2000), para quem existe, na verdade, um grande campo denominado “Biblioteconomia e CI”, visão que predomina, entre outros, na denominação de várias faculdades em todo o mundo. Na visão de outros, como Saracevic (1996), a Biblioteconomia é apenas um dos campos com os quais a CI realiza diálogos interdisciplinares, juntamente com a Comunicação, a Computação e as Ciências Cognitivas. Ele argumenta que as diferenças entre CI e Biblioteconomia são evidentes e que “estas diferenças comprovam a conclusão de que biblioteconomia e CI são dois campos diferentes, com forte relação interdisciplinar e não um único campo, em que um consiste na manifestação especial do outro” (SARACEVIC, 1996, p. 49).

Para Miksa (1992), ainda que tenham objetivos próximos, tratam-se de duas disciplinas orientadas por paradigmas diferentes. Essa ideia de uma autonomia, embora por outros motivos, é também trabalhada por Wersig e Neveling. Para eles a CI não é proveniente de nenhum outro campo

de estudo ou da relação de diferentes campos, mas sim de diferentes demandas de caráter prático:

as contribuições para o nascimento da ‘ciência da informação’ vieram de muitas disciplinas diferentes [...] e sua emergência foi causada por muitos interesses diferentes (FREIRE, 2003, p.57).

Contudo, mesmo aqueles que afirmam serem CI e Biblioteconomia campos distintos, não deixam de negar que há similaridade entre o objeto e as metodologias de estudo.

No Brasil, o termo “ciência da informação” foi introduzido no início da década de 1970, com a criação do curso de mestrado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação - IBBDD, que mais tarde passaria a ser chamado Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - (CNPq). Este órgão optou por considerar a seguinte hierarquia de classificação: as ciências sociais aplicadas como uma das grandes áreas do conhecimento e a CI como uma área que se subdivide em subáreas, dentre as quais se encontra a Biblioteconomia. Essa opção tem levantado questionamentos por parte de alguns pesquisadores e ao mesmo tempo tem influenciado a pesquisa no Brasil, uma vez que as agências de fomento têm um papel determinante no desenvolvimento da pesquisa numa determinada área. A percepção do CNPq, inclusive, está em consonância com a definição de Borko.

Diante dessa indefinição do próprio conceito de CI, parece adequado resgatar a avaliação de Smith (1998), para quem

a relação entre biblioteconomia e ciência da informação é um dos problemas intelectuais mais complexos que a educação em ciência da informação e biblioteca enfrenta (ROBREDO, 2003, p.68-69).

Por este motivo optou-se por incluir na pesquisa um questionamento acerca da natureza da relação entre CI e Biblioteconomia. E a ausência de consenso quanto ao que afinal é a CI e qual sua posição em relação à Biblioteconomia mostrou-se evidente na dificuldade de alguns dos entrevistados em defender claramente uma visão. Vários foram os que mencionaram tratar-se de uma questão ainda mal resolvida. A frequência com que as possíveis relações entre CI e Biblioteconomia se apresentam nas repostas dos pesquisadores consultados é exposta na Tabela 5:

Tabela 5: Caracterizações do relacionamento entre a CI e a Biblioteconomia

Categorias de respostas	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
CI é mais ampla e Biblioteconomia é um subcampo	1	1	1	1	1	2	7
Uma é extensão da outra	2	2	1	1	-	1	7
São campos distintos com alguns elementos em comum	1	-	3	1	1	-	6
CI campo teórico e Biblioteconomia prático	1	2	-	1	1	1	6
Não defende ou expressou uma visão	-	-	-	1	2	1	4
São áreas em conflito	-	-	-	-	1	-	1
Total.....	5	5	5	5	6	5	31

Fonte: Dados da pesquisa, 2006

As duas categorias de respostas mais freqüentes, cada uma indicada por sete entrevistados (22,5%) foram a que enxerga a CI como um campo mais amplo e a Biblioteconomia como uma parte dela (portanto, mais restrita) e a visão de que a CI seria uma extensão, uma evolução da Biblioteconomia, dando continuidade a seus métodos e procedimentos. A primeira categoria apareceu em todas as regiões, e a segunda apenas não se fez presente entre os entrevistados de Santa Catarina e Paraná. A distribuição das respostas foi muito uniforme entre as regiões, variando entre um e dois entrevistados.

As duas categorias de respostas que vêm a seguir tiveram freqüência quase semelhante às duas primeiras – seis entrevistados, o que equivale a 19,3% do total. A primeira delas entende que os dois campos são distintos e possuem alguns elementos em comum, resposta verificada em quatro regiões, mas com incidência significativa em Minas Gerais. A outra categoria vê a CI como um campo teórico e a Biblioteconomia como campo prático. Ainda que essa resposta seja muito parecida com a primeira, que vê a CI como campo mais amplo e a Biblioteconomia como subcampo, guarda uma particularidade ao qualificar a natureza dessa relação. Essa resposta também se mostrou muito presente, constando em cinco das seis regiões.

Quatro entrevistados não defendem uma posição específica, e um deles argumentou que se tratam, na verdade, de áreas em conflito.

Uma análise geral dos resultados mostra que existe ainda muito pouco consenso em relação ao assunto, pois quatro categorias de respostas obtiveram freqüências em torno de 20%.

7 OS AUTORES MAIS RELEVANTES

A identificação de autores “clássicos” ou fundamentais de uma disciplina científica sempre foi um dos critérios mais relevantes no estudo da ciência (OMNÉS, 1996; ALFONSO-GOLDFARB, 1994; ROSSI, 2001). Tal critério permite que se analise o grau de coesão, de consenso e de identidade de uma disciplina científica.

Levantar essa questão para a CI é uma tarefa revestida de especial interesse, uma vez que o grau de consenso é muito baixo (ALMEIDA, 2005), chegando a haver mesmo muito desconhecimento e visões contraditórias (DIAS, 2000). Ainda não existem manuais introdutórios que apresentem questões consensuais, o que se reflete em programas de disciplinas com grandes variações de uma universidade para outra.

Solicitados a apontar até dez autores considerados os mais relevantes da área de CI, os entrevistados se depararam com alguns questionamentos, tais como: relacionar autores nacionais ou estrangeiros; autores antigos ou contemporâneos; autores relevantes para toda a área de informação ou apenas para subáreas (tais como gestão, catalogação, etc). Contudo, eles não foram orientados quanto a isso, de forma que cada entrevistado ficou livre para interpretar a questão à sua maneira. Os 31 professores entrevistados apontaram 137 autores, o que aponta uma imensa variedade. Destes, 81 receberam apenas uma citação. Outros 36 receberam apenas duas (21 autores) e três (15 autores) citações. Os autores mais citados (com pelo menos quatro citações) são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 6: Autores mais citados como relevantes na CI

Autores	Grupos						Total
	1	2	3	4	5	6	
Saracevic	4	1	3	3	2	1	14
Lancaster	2	-	2	2	2	2	10
Borko	3	1	1	1	1	2	9
Pinheiro	3	1	2	2	1	-	9
Barreto	-	3	2	2	2	-	9
Miranda	2	3	1	1	1	-	8
Shera	3	2	1	1	-	1	8
Capurro	1	1	3	2	1	-	8
Le Coadic	2	3	-	2	-	1	8
Robredo	2	1	1	2	1	-	7
Wersig	3	-	2	1	1	-	7
Cunha	1	-	2	1	2	1	7
Meadows	2	3	-	-	1	1	7
Mueller	1	3	2	-	-	-	6
Hjorland	-	-	1	2	1	1	5
González de Gómez	-	-	3	1	1	-	5
Campello	-	-	1	1	1	1	4
Ranganathan	1	-	1	-	1	1	4
Otlet	2	-	-	2	-	-	4
Rowley	1	-	2	-	1	-	4
Total de citações.....	33	21	30	26	20	12	143

Fonte: Dados da pesquisa, 2006

O autor mais citado, Saracevic, foi identificado por 14 entrevistados, isto é, 45,1% dos entrevistados, como um dos dez autores mais relevantes da área. Isso significa que aquele autor que foi mais vezes identificado como relevante não o foi nem pela metade dos entrevistados. Logo a seguir aparecem Lancaster, com 10 citações, Borko, Pinheiro e Barreto com 9 citações, cada um deles apontados por menos de um terço (32,2% no caso de Lancaster e 29,03% no caso dos outros três) dos entrevistados. Além disso, apenas dois autores foram citados por professores de todos os grupos: Saracevic e Borko.

No total foram registradas 311 citações a autores. Alguns entrevistados não chegaram a apontar dez autores. Outros apontaram mais de dez. Como não havia uma hierarquia entre os autores indicados, optou-se por incluir todos os citados por esses entrevistados. Nesse conjunto

de citações, o grau de dispersão foi tão grande que os dez autores mais citados (para uma pergunta que pedia os dez autores mais relevantes) somam apenas 90 citações, o que equivale a 28,9% das citações feitas.

Entre os 20 autores mais citados, destaca-se um predomínio de autores estrangeiros (12), mas também uma significativa presença de autores "nacionais" (sete no total, incluindo brasileiros e estrangeiros que fizeram a sua carreira no Brasil). Além disso, entre os estrangeiros citados, destacam-se alguns que já estiveram no Brasil para eventos, palestras ou orientações, tais como Saracevic, Lancaster, Capurro, Meadows.

A maior parte dos autores indicados são pesquisadores contemporâneos, isto é, ainda em atividade, embora tenham produção científica relevantes desde a década de 1970. Há poucos

autores cuja produção mais relevante tenha se dado nas décadas anteriores, como Borko e Shera. Também em menor número estão autores ainda mais contemporâneos, isto é, com produção científica relevante datada da década de 1990 e atual, tais como Capurro e Hjørland. Na ponta de baixo da tabela, isto é, entre os 20 autores mais citados, porém nas últimas posições (18º e 19º), estão autores “clássicos” como Ranganathan e Otlet.

As temáticas dos autores mais citados também estão mais relacionadas com questões epistemológicas da CI como um todo. Esse é o caso de Saracevic, Borko, Pinheiro, Shera, Capurro, Wersig e González de Gómez, entre outros. Contudo, autores que tratam de questões mais específicas também estão presentes e com frequência bastante significativa, como no caso de autores vinculados a questões como a comunicação científica (Meadows, Mueller), avaliação de bibliotecas (Lancaster), informetria (Robredo), biblioteca escolar (Campello), gestão e economia da informação (Rowley, Barreto, Miranda).

Quanto às variações pelos grupos, pode-se perceber poucas tendências. Alguns grupos apresentaram maior dispersão de autores citados. Os entrevistados de Minas Gerais citaram 17 dos 20 autores mais citados, e os entrevistados do Norte e Centro-Oeste, de São Paulo e Santa Catarina e Paraná citaram 16. Em contrapartida, os entrevistados do Nordeste citaram apenas 11 dos mesmos 20 autores. Avaliando-se os autores, identificam-se alguns com presença bastante regular em todos os grupos (Lancaster, Borko, Pinheiro, Shera) e outros com presença mais marcante em algum grupo específico (por exemplo, Saracevic no Norte e Centro-Oeste, Capurro e González de Gómez em Minas Gerais, Le Coadic, Meadows e Mueller no Nordeste). Contudo, o que se pôde perceber é que ainda há grande dispersão no que se refere à identificação de autores mais relevantes.

8 AS OBRAS MAIS RELEVANTES

Junto com a importância da identificação de autores para uma disciplina, isto é, a

identificação da autoridade de um discurso, é importante também identificar o conteúdo desse discurso. Nos termos de Goldmann, “ao problema particularmente importante [de] ‘Quem fala?’, penso ser necessário juntar um segundo: ‘O que diz?’” (FREIRE, 2003, p.56). Em razão disso se considerou importante, para esta pesquisa, identificar as obras mais relevantes no campo da CI.

Como uma ciência é feita pela expressão das idéias de seus atores, ou seja, pesquisadores, teóricos e autores, também um determinado conjunto de obras é essencial para a sustentação de um modelo paradigmático de ciência - obras que se constituem e são divulgadas por meio da comunicação científica. A partir da circulação de informações novos conhecimentos são gerados, alterando conhecimentos já estabelecidos, o que também ocorre na ciência, fortalecendo ou construindo novos conceitos e teorias, e este impulso de pesquisa se faz por meio de uma leitura do universo científico possibilitada pela leitura das obras (livros, artigos, *papers*) de um determinado campo do conhecimento. Uma vez que ciência se faz entre seus pares por meio de publicações, certas publicações terão maior impacto do que outras, ainda que sejam do mesmo autor.

Na pesquisa realizada, os entrevistados indicaram no total 169 obras, dentre as quais livros, artigos publicados em periódicos e trabalhos apresentados em congressos. No total foram 239 citações, sendo que seis entrevistados não fizeram qualquer citação. Com menos de quatro citações tem-se um total de 159 obras, ou seja, 94% do total de obras que receberam alguma citação (169), percebendo-se assim a diversidade das obras citadas. Essas obras obtiveram as seguintes frequências: 137 obras com apenas uma citação, 19 obras com duas, e três obras com três citações.

Já entre as obras mais citadas, apresentadas a seguir na Tabela 7, estão cinco com 4 citações, uma obra com 5 citações, uma com 6, duas obras com 7 e, enfim, a obra de Tefko Saracevic, “Ciência da informação: origem, evolução e relações”, que foi a mais citada, com 10 citações:

Tabela 7: Obras mais citadas como relevantes na CI

Obras	Autores	Grupos						Total
		1	2	3	4	5	6	
Ciência da informação: origem, evolução e relações	Saracevic	4	1	3	1	-	1	10
<i>La Science de l'information</i>	Le Coadic	2	2	-	2	1	-	7
<i>Information science: the study of postmodern knowledge usage management</i>	Wersig	3	1	1	2	-	-	7
<i>Information science: what is it?</i>	Borko	3	2	-	-	-	1	6
<i>Communicating research</i>	Meadows	2	2	1	-	-	-	5
<i>Traité de documentation</i>	Otlet	2	-	-	2	-	-	4
Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade	Pinheiro	1	1	1	-	-	1	4
Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação	Robredo	1	1	-	2	-	-	4
<i>Interdisciplinary nature of information science</i>	Saracevic	1	-	-	2	-	1	4
<i>History and foundations of information science</i>	Shera	2	1	-	-	-	1	4
Total de citações.....		21	11	6	11	1	5	55

Fonte: Dados da pesquisa, 2006

Entre as dez obras mais citadas encontram-se oito estrangeiras e apenas duas brasileiras. O período da publicação das obras é bastante diversificado, havendo uma da década de 1930, uma da década de 1960, duas da década de 1970, cinco da década de 1990 e uma da década atual. Há, portanto, nas indicações, uma mistura de obras que já poderiam ser identificadas como “clássicas” e outras contemporâneas.

Em relação aos assuntos, predominam aquelas obras com objetivo de discutir de forma conceitual e histórica a CI, devendo-se destacar a presença de uma obra dedicada a um subcampo da CI, a comunicação científica (Meadows), e outra cuja publicação é anterior ao surgimento da CI (Otlet).

Comparando-se a lista das dez obras mais citadas com os dez autores mais citados, evidencia-se grande complementaridade. Saracevic, o autor mais citado, tem duas obras apontadas como relevantes. Dos demais autores, Borko, Pinheiro, Shera, Le Coadic e Robredo também têm trabalhos citados entre os dez mais relevantes. Já autores como Lancaster, Miranda, Capurro e Barreto, embora com frequência elevada na categoria “autores”, não obtiveram trabalhos com mais de quatro citações.

A maior diferença entre os grupos se dá em relação às citações feitas às dez obras mais citadas.

O grupo do Norte e Centro-Oeste apresentou grande quantidade de citações a essas obras (21 citações para as dez obras mais citadas), seguido do Nordeste e de São Paulo, ambos com 11. No extremo oposto, os entrevistados de Santa Catarina e do Paraná fizeram uma única indicação a uma das dez obras identificadas como mais relevantes na pesquisa.

9 APONTAMENTOS FINAIS

O objetivo da pesquisa apresentada neste texto é promover um mapa de como certas questões relativas à CI são compreendidas pelos pesquisadores da área, em todo o país. Ainda que o total de respostas recebidas esteja bem aquém do universo de pesquisadores da área, pôde-se perceber que o conjunto dos dados encontrados é muito rico e pode proporcionar ainda um detalhamento que não cabe nos limites deste texto. Além do somatório geral das respostas, que permite traçar um mapa destas questões conforme a concepção dos professores das várias regiões e estados do Brasil, há ainda a riqueza das respostas dadas, das argumentações utilizadas, das referências apresentadas.

Além disso, as diferenças entre as respostas dadas pelos entrevistados, naturalmente, não variam apenas em relação às regiões geográficas onde estes atuam. Sabe-se, em relação à CI, que grande parte dos pesquisadores são provenientes de outras áreas – em 1999, 45,5% dos pesquisadores da área tinham titulação de outra área que não a CI, e esse número caiu ligeiramente, para 43,7%, em 2006 (NORONHA; FUJINO, 2006, p. 3). Assim, as áreas de origem ou de titulação de cada entrevistado com certeza têm um peso fundamental nas respostas dadas, bem como a época de formação acadêmica, a filiação teórica, as temáticas de pesquisa e o pertencimento a grupos de pesquisa, entre outros fatores. Os pesos destes fatores se entrecortam e sua análise mais detida poderia proporcionar ainda novas e ricas leituras dos dados encontrados, o que significa dizer que há ainda possibilidades não exploradas de trabalho com os dados obtidos.

Os dados analisados ao longo do trabalho mostraram questões sobre as quais existe uma concordância maior (dos 31 entrevistados, 28 acreditam ser a CI uma ciência social, e 29 acreditam que ela seja uma ciência interdisciplinar) e outras sobre as quais há grandes discordâncias (como no caso de ser uma ciência pós-moderna, com a qual 19 concordam e 8 discordam, ou a respeito da relação entre a Biblioteconomia e a CI). Em todas elas, contudo, pôde-se perceber entendimentos muito discrepantes sobre o significado das

categorias perguntadas (sobre o que significa ser uma ciência social, ou sobre o conceito de interdisciplinaridade), questão que, aliás, foi ressaltada por vários entrevistados. Tratam-se, pois, de questões mal resolvidas da área como um todo.

Parte da resposta a isso se deve ao pouco tempo de existência da área, que vem sendo construída nas últimas décadas por pesquisadores oriundos de diferentes áreas e também de diferentes campos teóricos. Isso se evidencia de forma muito clara quando se observa o resultado das questões que solicitavam a indicação de autores e obras relevantes. Ao contrário de ciências bem consolidadas, nas quais há grande consenso sobre os “clássicos”, os fundadores, as obras fundamentais, na CI a dispersão é gigantesca: há casos em que entre os dez autores listados por um professor não havia um coincidente com a lista de dez de outro professor, mesmo quando ambos pertenciam a uma mesma instituição.

Este trabalho levanta uma série de questões essenciais para a área e, ao promover um mapeamento das compreensões sobre essas questões, pretende contribuir na consolidação da área de CI no Brasil, tarefa que, para ser executada, terá de passar, certamente, pela consideração dos aspectos humanos envolvidos, isto é, das compreensões específicas daqueles que vêm atuando na área e, com essa atuação, construindo-a da maneira como ela existe hoje.

INFORMATION SCIENCE IN THE VIEWPOINT OF BRAZILIAN TEACHERS AND RESEARCHES

ABSTRACT

It presents the results of a research carried out, through questionnaires sent by internet, with librarianship and information Science teachers from all of the Brazilian universities. The questions considered the Information Science as a social science, an interdisciplinary science, a post-modern science; as well as a the nature of its relationship with librarianship. The answers presented a high agreement degree, however with very different arguments and understandings. Then, it was asked for each interviewee to indicate ten authors and ten works he/she judged relevant in the area of Information Science. The results showed a great difference in the answers, being Saracevic, Lancaster Borko and Pinheiro the more cited authors and “Information science: origin, evolution and relationships”, by Saracevic the more mentioned work

Keywords

RESEARCH IN INFORMATION SCIENCE
EPISTEMOLOGY OF INFORMATION SCIENCE
SCIENTIFIC FIELD OF INFORMATION SCIENCE

Artigo recebido em 19.03.2007 e aceito para publicação em 04.04.2007

REFERÊNCIAS

- ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *O que é história da ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ALMEIDA, Carlos. *O campo da ciência da informação*: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil. Florianópolis: CCE/UFSC, 2005. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação).
- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação como Ciência Social. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. 1 CD-ROM.
- CARDOSO, Ana Maria. Pós-Modernidade e informação: conceitos complementares? *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 1 n. 1, p. 63-79, jan./jul. 1996.
- DIAS, Eduardo. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 11-15, jan./jun. 2000.
- ELLIS, David. Paradigms and proto-paradigms in information retrieval research. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (eds). *Conceptions of library and information science*: historical, empirical and theoretical perspectives. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 165-186.
- FRANCELIN, Marivalde Moacir. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. *Ciência da informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 49-66, maio/ago. 2004
- FREIRE, Gustavo. Ciência da informação: temática, história e fundamentos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 11, n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.
- GRESSLER, Lori. *Introdução à pesquisa*: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.
- HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências*: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- INGWERSEN, Peter. Conceptions of information science. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds.). *Conceptions of library and information science*: historical, empirical and theoretical perspectives. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 299-312.
- MIKSA, Francis. Library and information science: two paradigms. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds.). *Conceptions of library and information science*: historical, empirical and theoretical perspectives. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 229-252.
- NEHMY, Rosa Maria Quadros; PAIM, Isis. Repensando a sociedade da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.7, n.1, p.9-21, jan./jun. 2002.
- NORONHA, Daisy; FUJINO, Asa. Teses e dissertações em ciência da informação: a multidisciplinaridade não revelada na avaliação da produção científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. *Anais...* Marília: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2006. 1 CD-ROM.
- OLIVEIRA, Marlene (Org.). *Ciência da informação e biblioteconomia*: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- OMNÈS, Roland. *Filosofia da ciência contemporânea*. São Paulo: Unesp, 1996.
- PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 1, 1995.
- ROBREDO, Jaime. *Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação*. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.
- ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: Edusc, 2001.
- SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.
- SMITH, Linda. *Interdisciplinarity: approaches to understanding library and information science as an interdisciplinary field*. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (eds). *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. Londres, Los Angeles: Taylor Graham, 1992, p. 253-267.